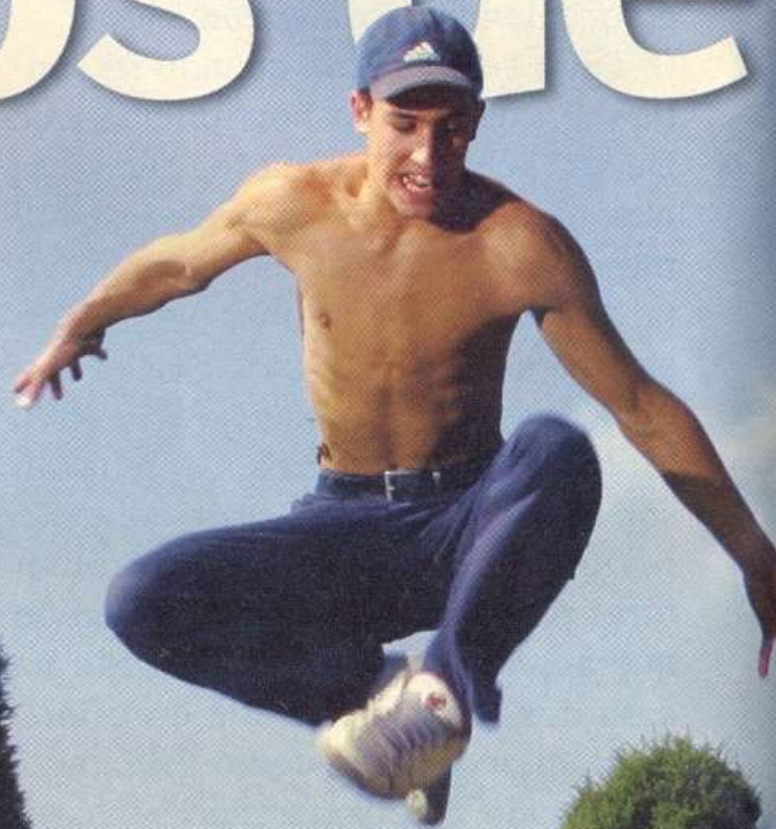


# Um lar para os filhos de

A família  
que é a  
inspiração  
de um país

POR LAWRENCE ELLIOTT



FOTOGRAFADO POR BENOIT DECOUT/REA

# ninguém



**T**ODOS OS DIAS letivos, pouco depois das 16h30, uma vida caótica explode de repente quando um cortejo de ônibus e carros chega de diversas escolas trazendo de volta 11 crianças. É o fim do sossego na grande casa coberta de hera no fim de uma estrada campestre na Bélgica.

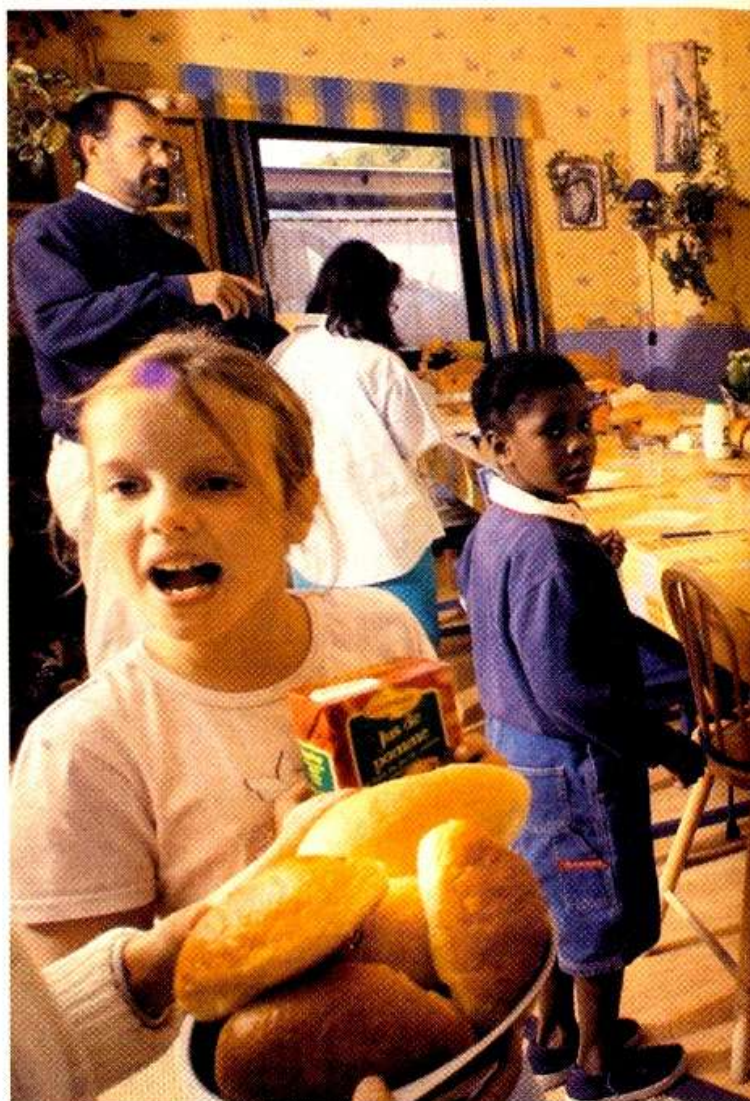
As crianças saem correndo, mancando ou rolando as cadeiras de rodas pela casa, vasculhando a cozinha em busca de petiscos, procurando a mamãe e o papai para ganhar um abraço ou trocar uma ou duas palavras.

Christiane e Pol-Marie Boldo fornecem o terreno sólido em que floresce essa notável família “um por todos e todos por um”. Quando o enxame quase derruba Florence, uma das menores, Christiane resgata a menina de 8 anos, pegando-a no colo. “Não deixe que a empurrem desse modo”, brinca ela, rindo. “Agora me conte o que você fez hoje na escola.”

Nessa confusão, Bruno, 15 anos, cuja insuficiência cardíaca congênita tingiu de um tom azulado as pontas dos dedos, está furioso. Seus irmãos e irmãs tinham caçoado dele, chamando-o de ET.

“É só uma brincadeira”, tenta acalmá-lo Pol-Marie, médico, que tem o dom de aplacar acessos de raiva. “Se você também tivesse rido, os outros estariam rindo com você.”

Houve um tempo em que a casa



era habitada por 19 crianças; hoje as mais velhas já têm sua vida, mas ainda fazem parte desse clã muito unido. Onze são adotadas. Sete têm deficiências físicas ou mentais, ou ambas; duas são da Índia, duas do Haiti e outras vêm de lugares como Camarões e até do Brasil.

Ainda na casa dos 40 anos, Christiane e Pol-Marie são uma ilha de segurança, uma fonte inesgotável de afeto e cuidados nas águas agitadas em que rodopiam crianças que são diferentes. “É simples”, comenta Christiane. “Era o que estávamos destinados a fazer, abrir nosso lar a crianças que ninguém queria.”

Entretanto, eles também transformaram essa missão pessoal num empreendimento nacional. Desde 1982,



### **Pol-Marie Boldo supervisiona o almoço.**

os Boldos conduziram 410 crianças com deficiências, de 20 países diferentes, a lares de famílias belgas.

**Christiane e Pol-Marie** casaram-se quando ela estava com 20 anos e ele, 21. Sua vida seguiu os padrões tradicionais. Moravam perto da cidade balneária onde haviam crescido, Spa, absortos em seus três filhos pequenos e na luta cotidiana com um orçamento apertado. Então, em 1977, o casal perdeu a filha de 3 meses, Stephanie, vítima da síndrome da morte súbita na infância.

Embora seu mundo tenha sido terrivelmente abalado, a fé cristã se fortaleceu. “Com o tempo, adquiri-

mos uma compreensão mais profunda do quanto é preciosa a vida de uma criança”, recorda Pol-Marie.

“Não podíamos ter Stephanie de volta”, conta Christiane, “mas podíamos acolher em nossa casa e amar uma criança que não tivesse família nem ninguém que a amasse.”

Não foi uma decisão impulsiva. Haviam-se passado quatro anos desde a morte do bebê e Christiane tinha dado à luz um terceiro filho. Como isso os colocava no fim de uma longa lista de casais que não podiam ter filhos biológicos, foram se aconselhar com um amigo, padre Maillet, missionário recém-chegado do Haiti.

E foi assim que Hélène, 5 anos, veio a eles em 1981. A pequena menina negra cheia de vida logo se entendeu com os filhos do casal: David, 7 anos, Benoît, 5, e Nicolas, 1. Christiane e Pol-Marie ficaram radiantes.

Ao saber de um menino indiano órfão, com seqüelas de poliomielite, Christiane e Pol-Marie consideraram aquilo um sinal e também o acolheram. Simon-Pierre tinha 4 anos quando foi morar com eles. Era um menininho simpático que suportou bravamente diversas cirurgias e meses de imobilidade no gesso, enquanto os médicos lutavam para devolver a vida a suas pernas paralisadas. Somente anos mais tarde é que Simon-Pierre compreenderia que o tormento tinha sido em vão e que passaria o resto de seus dias na cadeira de rodas. A partir daí, o menino entrou numa adolescência tumultuada.

Os Boldos enfrentaram essa e ou-

tras tempestades e tensões. Nada os desviava de seu propósito, e as crianças continuavam a chegar: Judith, abandonada num Carnaval no Brasil, era deficiente física e não falava. Bruno, com deficiência mental e um defeito cardíaco inoperável, vinha de um orfanato na Colômbia, onde Pol-Marie fora buscá-lo em meio à guerrilha. Rachel, Marie Noëlle...

“Nossa família foi construída pedra por pedra”, disse uma vez Christiane. “Uma criança era adotada, outra nascia, e as que já estavam aqui achavam que essa era a ordem natural da vida.”

**Em outubro de 1982** os Boldos criaram na Bélgica a Fundação Emmanuel SOS Adoption, com o propósito de encontrar lares adotivos para

crianças órfãs com deficiência. “De repente nos demos conta de que, se nós éramos capazes de criar uma criança deficiente, outros também eram”, diz Christiane.

Pouco depois encontraram um lar para um menino de 1 ano e meio, Co-rentin, cujas pernas tinham sido atrofiadas pela poliomielite.

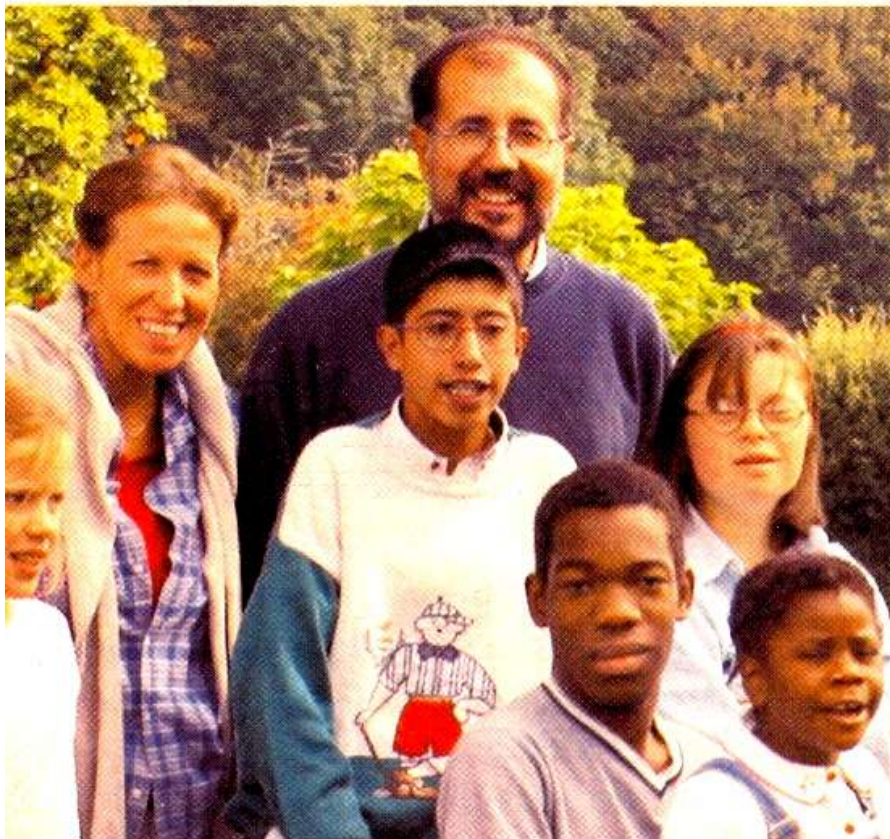
O caso teve repercussão. Espalhou-se a notícia de que os Baars, os pais adotivos, estavam se saindo muito bem, que a criança estava progredindo e enchendo de uma alegria inesperada a vida deles. Outros bateram à porta dos Boldos e mais crianças encontraram um lar. Os jornais publicaram matérias sobre o assunto. A onda se espalhou.

No entanto, acolher uma criança deficiente em casa não é para todo

mundo. “Não é apenas a família que adota a criança”, explica Pol-Marie. “A criança tem de adotar a família, e às vezes isso não acontece.”

Assim, tornou-se tarefa dos Boldos excluir os candidatos cujo entusiasmo era maior do que a competência. Trabalhando com terapeutas voluntários, eles proporcionavam uma assistência contínua às famílias adotivas, aliviando o sofrimento de crianças cujas deficiências visíveis freqüentemente eram menos cruéis do que o trauma do abandono.

Foi o que se deu com Co-rentin Baar. Em 2002, aos



**Christiane e Pol-Marie com cinco de seus filhos – Florence, Bruno, Joachim, Virginie e Lysbeth.**



**Um passeio da família Boldo requer um cuidadoso planejamento.**

20 anos e ainda coxo, fez parte de uma equipe de quatro homens deficientes que escalou um pico de 5.500 metros no Himalaia. “Meus pais me fizeram crer que tudo era possível”, afirma ele.

“E há quem ache que a deficiência é a morte dos sonhos”, diz Pol-Marie.

**Pol-Marie deixou** a prática da medicina para se dedicar em tempo integral ao trabalho da fundação, que era sustentada por doações e por um pequeno subsídio do governo. “Precisávamos urgentemente de espaço”, recorda-se Christiane, referindo-se aos primeiros tempos. “Os escritórios improvisados estavam

enfurnados no porão, no sótão e no depósito de nossa pequena casa, e os empregados e as crianças atropelavam-se uns aos outros.”

Nessa ocasião, a instituição católica Cáritas ofereceu sua grande propriedade rural nos arredores do vilarejo de Blindéf, na província de Liège, com 15 quartos e uma série de gabinetes nos fundos. Hoje a fundação encontra lares para uma ou duas crianças por mês. Tem 11 funcionários e um corpo de médicos, psiquiatras e fisioterapeutas voluntários.

Os Boldos estão plenamente envolvidos nesse trabalho, mas a família continua a ser o centro de suas vidas. As crianças que chegam a eles estão feridas no espírito e no corpo. As crises são freqüentes; cada criança adotiva tem um problema específico.

Quando Virginie, 6 anos, com síndrome de Down, não conseguia mais acompanhar os colegas do colégio da cidade, os Boldos a transferiram para uma escola para crianças com necessidades especiais. Até mesmo eles, no entanto, sabiam que a solução para ela era uma escola para deficientes mentais. Eles ajudaram a fundar uma, que Virginie hoje frequenta.

Judith vive no mundo misterioso de uma criança autista, indiferente à vida que fervilha em torno dela. Nunca fala, mas, seguindo o exemplo dos pais, seus irmãos e irmãs falam com ela como se compreendessem tudo. Eles a abraçam na volta da escola e a beijam na hora de dormir. Judith, porém, não podia entrar no mundo deles, e com o tempo acabou sendo internada numa instituição, a fim de receber os cuidados constantes de que necessita. As crianças a visitam com frequência, pois ela sempre será sua irmã.

Bruno ficou para trás na escola. Um dia, chegou em casa aos prantos, porque algumas crianças riram de sua dificuldade para resolver um problema simples de matemática.

Christiane sentou-se com ele na cozinha. “Você não aprende tão depressa quanto as outras crianças”,

explicou ela, com carinho, “assim como Simon-Pierre não consegue correr. Mas você pode aprender. E todos amamos você.”

Quando Bruno completou 14 anos, eles o matricularam no mesmo colégio interno para deficientes onde sua irmã Virginie estuda. Ele começou a aprender num ritmo adaptado à sua capacidade. Seu tumulto interno se acalmou e ele ficou contente.

**Nenhuma das crianças** dos Boldos se afastou muito do ninho. Simon-Pierre vive em Namur e está estudando para ser professor. Seu irmão, David, casado, e sua irmã Émilie, que é enfermeira, moram perto dele e lhe dão apoio.

“Tenho muita sorte por fazer parte desta família”, constata Simon-Pierre. “Aprendi muito com meus pais, meus irmãos e minhas irmãs, principalmente a amar.”

Hélène, hoje casada, mora a alguns quilômetros de distância. Quando recentemente os Boldos ligaram para lhe dar os parabéns por seu 26º aniversário, ela começou a chorar. “Não quero que se lembrem mais do meu aniversário”, disse ela. “Quero comemorar apenas o dia em que fui morar com vocês.”

## EXCEÇÃO IMPERDOÁVEL

Depois de termos a Internet de banda larga, meu marido resolveu pagar suas contas *on-line*. Todas as empresas em que tínhamos contas aceitaram os pagamentos *on-line*, salvo uma: nosso provedor de Internet.

SARAH LIBERA, EUA

